

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO

Secretaria de Estatísticas e Estudos do Trabalho · SEET

DIAGNÓSTICO EM NÚMEROS · PNAD CONTÍNUA 1º TRIM. 2026

Os jovens no Brasil

Permanências e necessidades de mudança

Releitura visual da apresentação **MTE / SEET** — adolescentes (14-17) e jovens (18-24)

Fontes: IBGE/PNAD Contínua · MTE/SEET · RAIS · eSocial

Quem são — o retrato em números



32,9 mi

peças de 14 a 24 anos

15,4% da população do país



13,9 mi

jóvens ocupados

12,5 mi (18-24) + 1,4 mi (14-17)



6,2 mi

não estudam nem trabalham

18,7% dos jóvens de 14 a 24

CONCLUSÃO

A maioria dos jóvens já está ocupada, mas 6,2 milhões estão fora da escola e do trabalho. O desafio não é só criar vaga — é manter o jovem dentro do sistema de estudo e trabalho.

Onde estão os 32,9 milhões de jovens

Repartição dos jovens de 14 a 24 anos por relação com estudo e trabalho



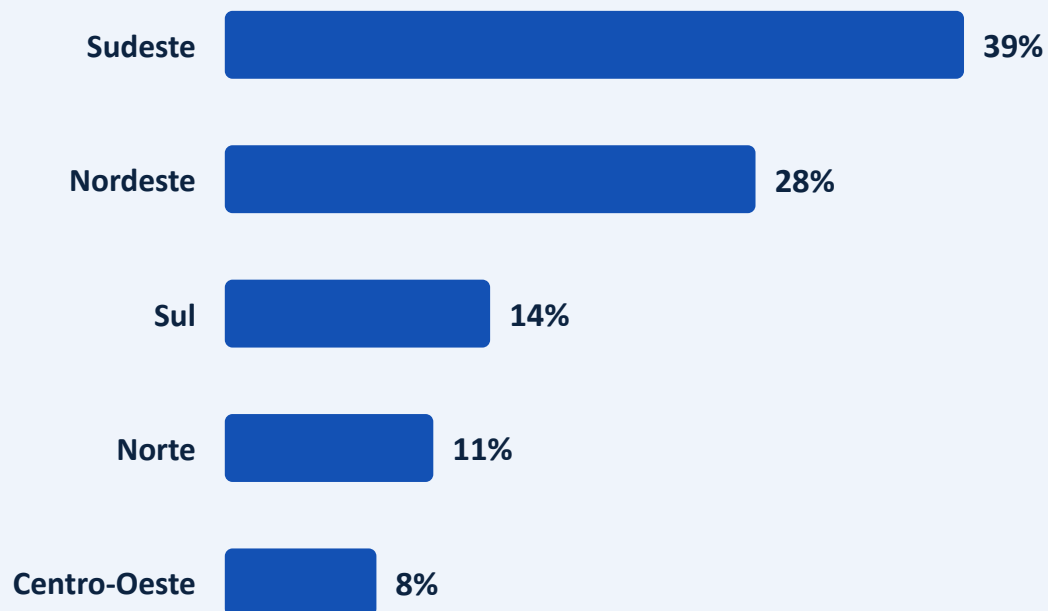
$39\% + 29,1\% + 18,7\% + 13,2\% = 100\%$ · 32,9 milhões de jovens

CONCLUSÃO

O grupo que mais aparece não é o que trabalha nem o nem-nem: são os 12,8 milhões que só estudam. Somados aos 4,3 mi que estudam e trabalham, 17 milhões de jovens (52%) ainda estão na escola — a aposta na escolaridade é a regra, não a exceção.

Onde estão os jovens brasileiros

% dos jovens de 14 a 24 anos que vivem em cada região



Concentração no Sudeste

Quase 4 em cada 10 jovens vivem no Sudeste — metade deles em São Paulo.

Mas o **Norte é a região mais jovem**: mais de 40% da população tem menos de 24 anos.

Dois grupos, duas realidades



11,7 mi

adolescentes de 14 a 17 anos

em idade escolar — ensino médio



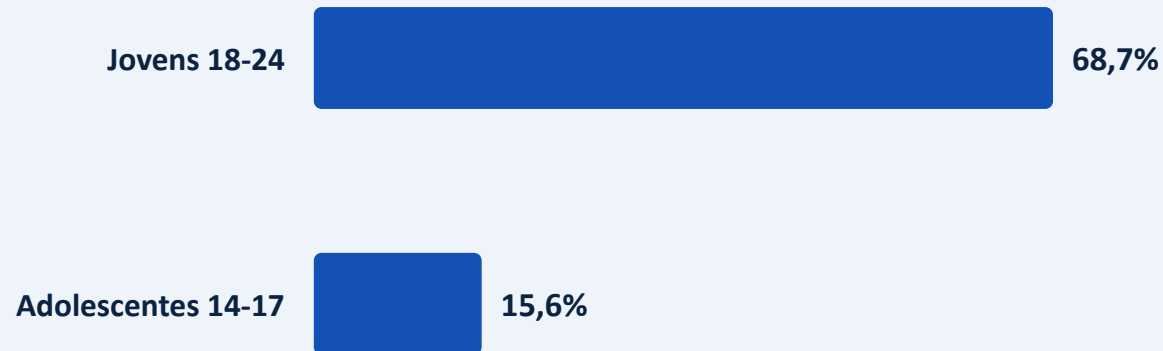
21,2 mi

jovens de 18 a 24 anos

transição escola → trabalho

Quem está em busca de trabalho

Taxa de participação (força de trabalho / população em idade ativa)



Abaixo do pré-pandemia

A participação dos jovens de 18-24 segue abaixo do nível anterior à Covid-19. Entre os adolescentes, a baixa participação é esperada e desejável — sinal de que estão na escola.

CONCLUSÃO

Participação adolescente baixa é boa notícia (mais gente estudando). Já a dos jovens de 18-24 ainda não recuperou o patamar pré-pandemia — há margem para reinserir quem saiu da força de trabalho.

A aposta dos jovens na credencial escolar



73%

têm ao menos o ensino médio



2,3 mi

frequentam o ensino superior



944 mil

já concluíram o superior

CONCLUSÃO

O jovem está mais escolarizado do que nunca e usa o diploma como porta de entrada. O desafio migrou: é transformar a credencial escolaridade junto com experiência e trabalho em trabalho decente, qualificado e bem remunerado.

Desemprego jovem: caiu, mas jovem ainda precisa de mais oportunidades

25,1%

Adolescentes 14-17

desemprego no 1º trim. 2026

13,8%

Jovens 18-24

mais que o dobro da média

5,8%

Média nacional

todas as idades



A taxa de desemprego jovem caiu pela metade desde o pico de 2021. Os absolutos estão entre os menores da série: 2,7 milhões de jovens (18-24) e 586 mil adolescentes desempregados.

CONCLUSÃO

Entrar no mercado segue mais difícil para quem começa: o jovem de 18-24 enfrenta desemprego 2,4 vezes a média nacional. A melhora é real, mas o patamar ainda é elevado.

Desocupação e subocupação recuando



2,7 mi

jovens 18-24 desocupados

entre os menores da série histórica



586 mil

adolescentes desocupados

14 a 17 anos

CONCLUSÃO

A desocupação e a subocupação por horas estão entre os menores patamares desde 2012. O ciclo recente de emprego favoreceu a entrada dos jovens — efeito que precisa ser sustentado.

Os jovens que não estudam nem trabalham



6,2 mi

nem estudam nem trabalham

1º trim. 2026 (18,7% da PIA 14+)



5,5 mi

no 4º trim. 2025

alta sazonal no início do ano

Relação com estudo e trabalho

39% só estudam

29,1% só trabalham

13,2% estudam e trabalham

CONCLUSÃO

O número sobe sempre no 1º trimestre (fim de contratos temporários e recomeço escolar). A tendência de fundo é de queda, mas 6,2 milhões fora de tudo segue sendo o alerta social mais grave — e atinge mais as mulheres jovens.

13,9 milhões de jovens ocupados



12,5 mi

ocupados de 18 a 24 anos



1,4 mi

ocupados de 14 a 17 anos



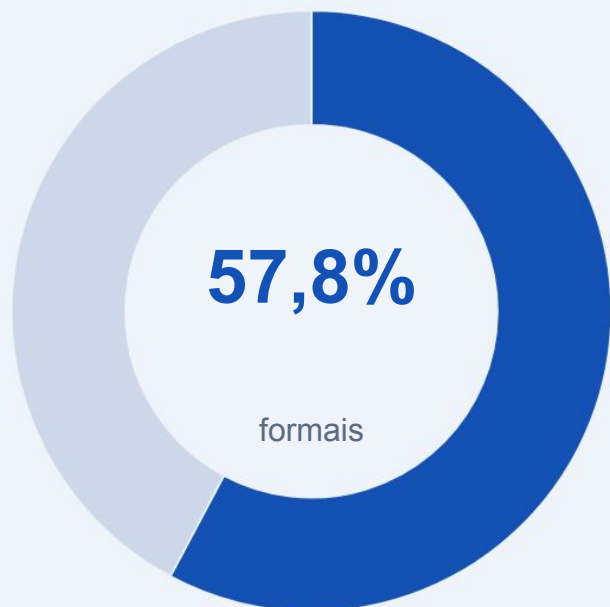
+569 mil

vs. 1º trim. 2019 (pré-pandemia)

CONCLUSÃO

O total de jovens ocupados superou o nível pré-pandemia em 569 mil pessoas. A recuperação do emprego jovem é consistente — o desafio passa a ser a qualidade e a permanência nesses postos.

Formalização avança



8 milhões

de vínculos formais entre jovens de 14 a 24 anos (RAIS 2025), dentro de quase 60 milhões de empregos formais no país.



Mais da metade já tem carteira

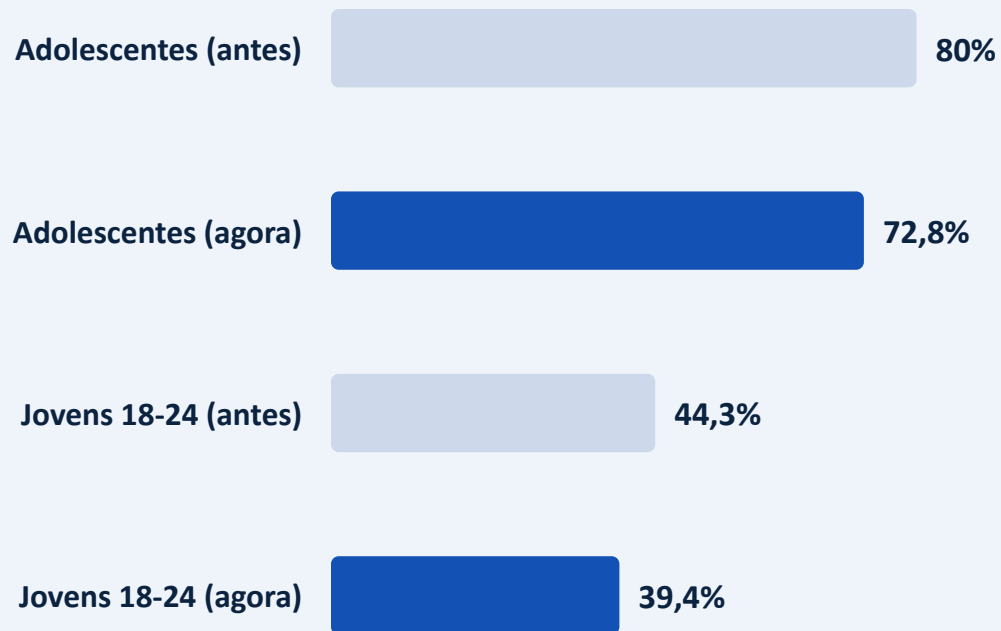
57,8% dos jovens ocupados têm vínculo formal — patamar inédito na série recente.

CONCLUSÃO

A formalização do trabalho jovem cresceu e hoje cobre a maioria dos ocupados. Ainda assim, 4 em cada 10 jovens seguem sem carteira — concentrados em quem tem menor escolaridade e nas regiões Norte e Nordeste.

Informalidade em queda nos dois grupos

Taxa de informalidade — comparação entre períodos



Queda consistente

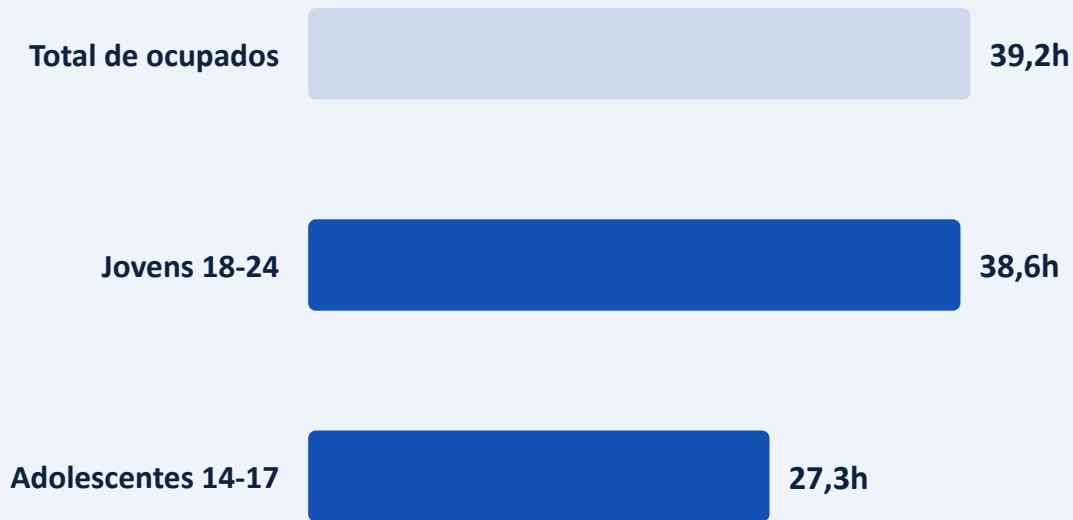
A informalidade recuou para ambos os grupos. Mas Norte e Nordeste seguem acima da média — a melhora não é homogênea no território.

CONCLUSÃO

A informalidade caiu, sinal de empregos de melhor qualidade. Ainda assim, quase 3 em cada 4 adolescentes ocupados estão na informalidade — isso gera renda mais baixa, reduz proteção e futuro.

Quantas horas os jovens trabalham

Jornada semanal média (horas)



Alerta no 14-17

O adolescente trabalha 27,3h/semana — **7,3h acima** do contraturno escolar. Jornada longa que compete com o estudo.

CONCLUSÃO

O jovem de 18-24 já trabalha quase a jornada de um adulto. No 14-17, a carga supera o contraturno escolar — sinal de que, para muitos, o trabalho está disputando espaço com a escola.

A maioria está em funções generalistas



11,6 mi

em ocupações generalistas

84% — sem exigência de formação específica

7,8 mi

recebem até
1,5 salários mínimos



2,7 mi

recebem até
1 salário mínimo



2,15 mi

em ocupações técnicas/superior

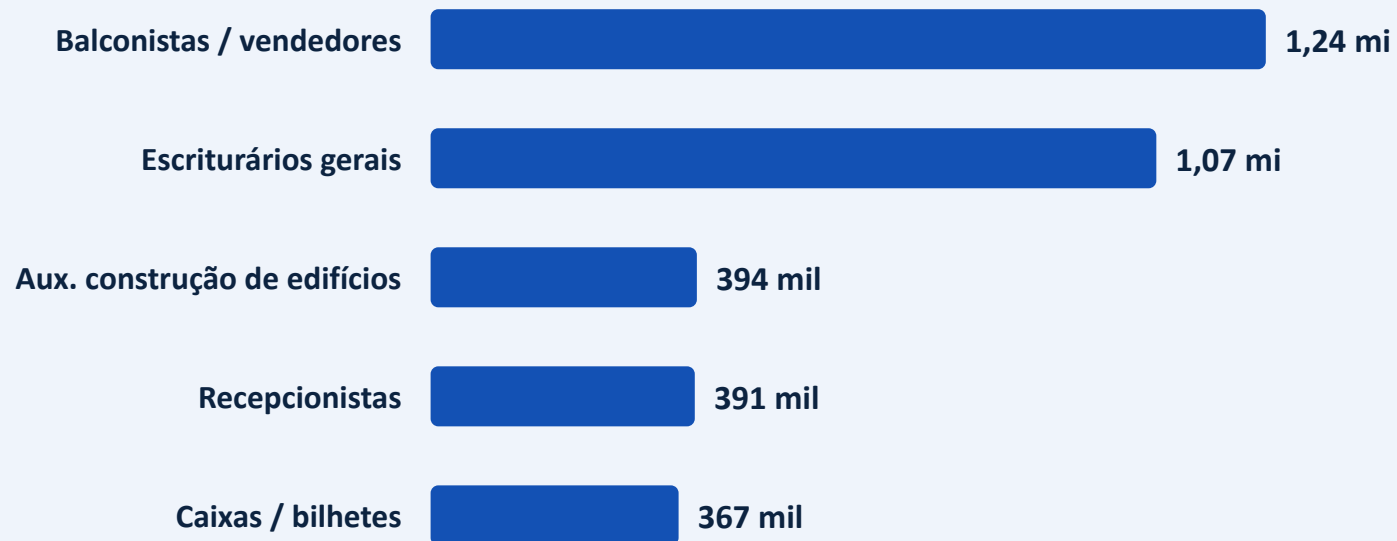
direito, TICs, mídia, enfermagem

CONCLUSÃO

Só 1 em cada 7 jovens ocupados está em função que exige formação técnica ou superior. Ampliar essa parcela é o caminho para salários maiores e trabalho menos vulnerável à automação.

As ocupações que mais empregam jovens

Principais ocupações de jovens de 14 a 24 anos (nº de ocupados)



59%

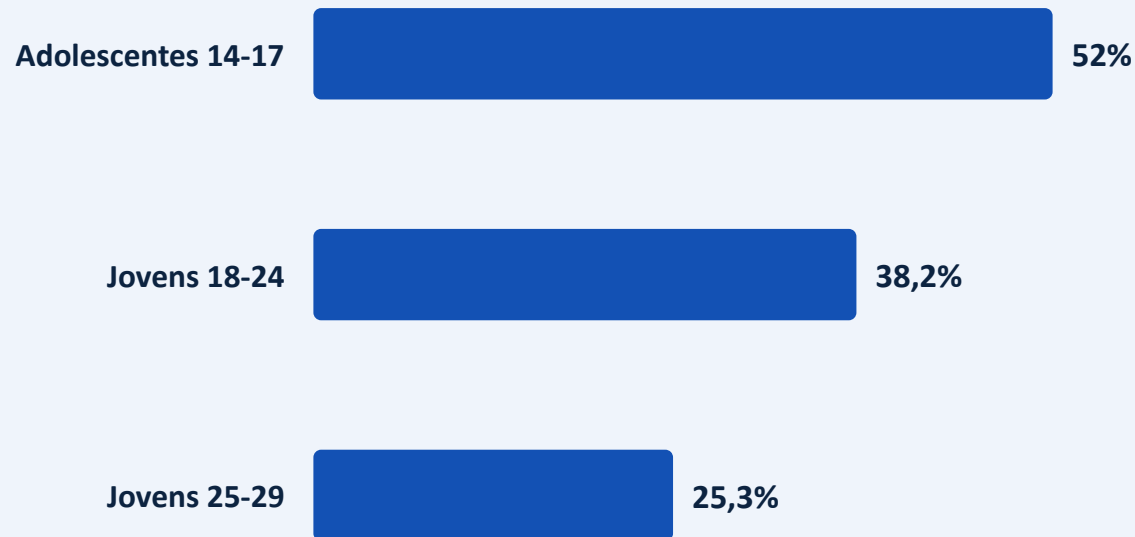
dos jovens estão nas 20 maiores ocupações. 1 em cada 5 atua em escrituração ou vendas em lojas.

CONCLUSÃO

O emprego jovem se concentra em poucas funções de comércio e serviços, de baixa especialização e salário próximo ao mínimo. É a raiz da baixa permanência e da dificuldade de ascensão.

O jovem tem acesso — mas não permanece na ocupação

% que permanece menos de 1 ano no mesmo trabalho



Problema de permanência

12% dos adolescentes ficam menos de 1 mês no emprego. Quanto mais velho, mais estável: a rotatividade cai pela metade entre 14-17 e 25-29.

CONCLUSÃO

Mais da metade dos adolescentes troca de trabalho em menos de um ano. Baixa qualificação, salário baixo e jornada longa explicam o ciclo de entra-e-sai que impede o jovem de construir trajetória.

PARTE 2

Aprendizes e estagiários

As duas pontes formais entre escola e trabalho

Aprendizes: 708 mil em todo o país



708 mil

aprendizes contratados

março 2026, todas as UFs



471 mil

adolescentes 14-17

+ 244 mil jovens de 18-24



53%

são meninas (354 mil)

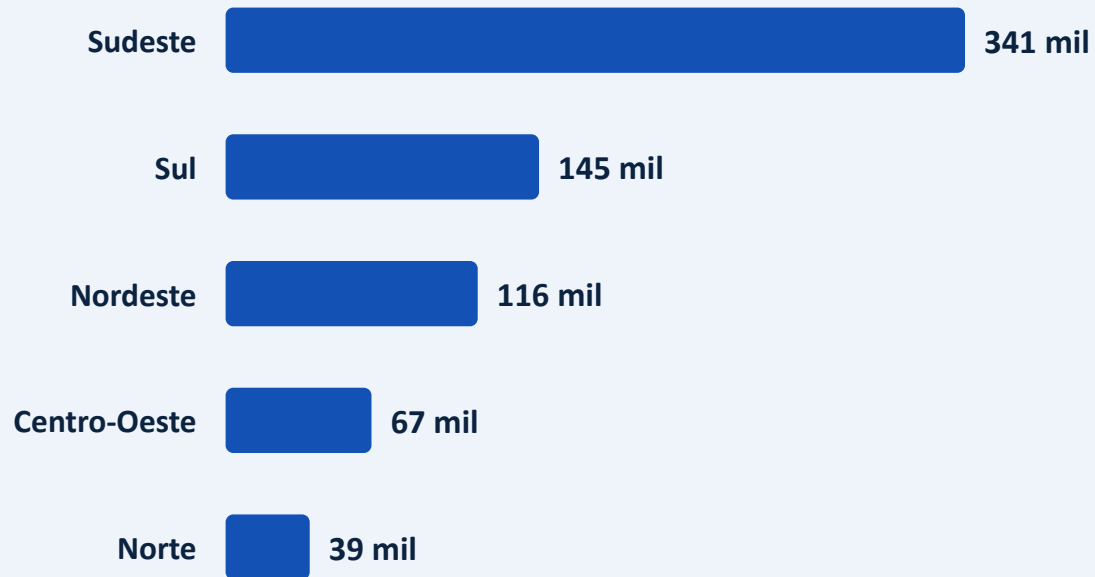
remuneração ~igual à dos meninos

CONCLUSÃO

A aprendizagem é a principal porta formal de entrada e já alcança 708 mil jovens, com maioria feminina. Mas só 4.303 aprendizes são pessoas com deficiência — espaço evidente para ampliar inclusão.

Onde estão os 708 mil aprendizes

Aprendizes contratados por região — março 2026 (mil)



Concentração no Sudeste

O Sudeste sozinho responde por **48%** dos aprendizes — quase metade do país. Só São Paulo tem 196 mil (28% do total nacional).

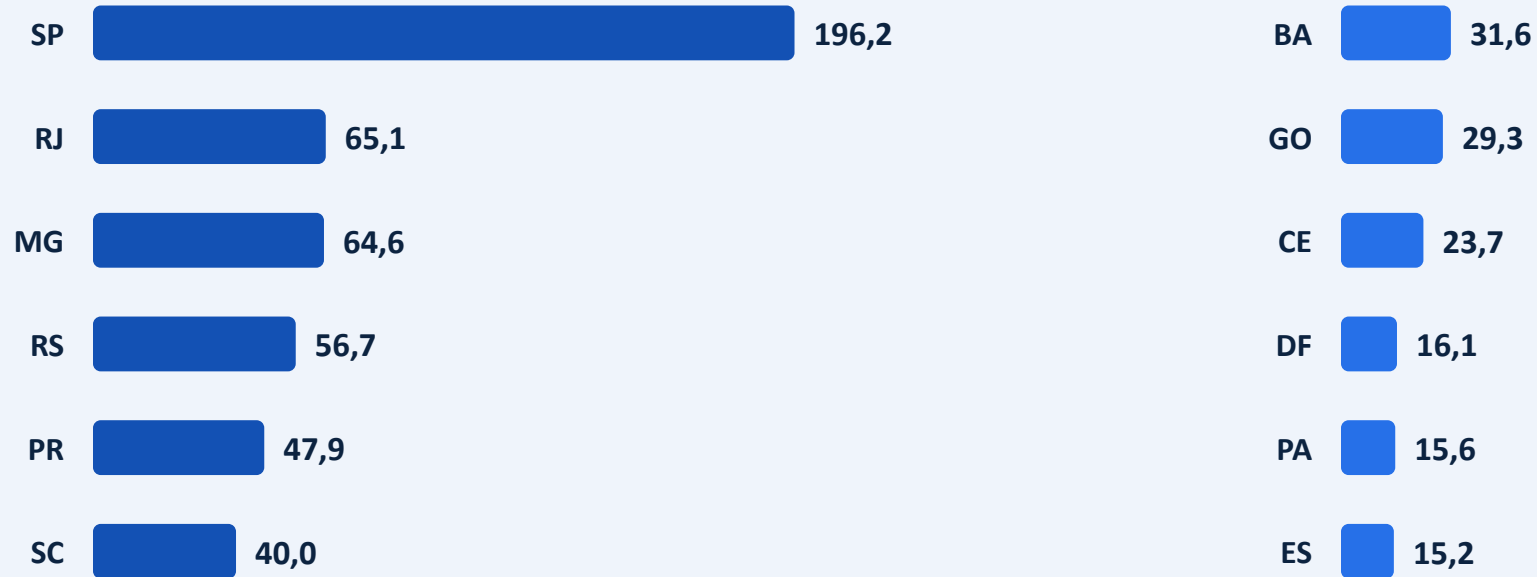
O Norte, com 39 mil (5,5%), tem o menor contingente.

CONCLUSÃO

A aprendizagem reproduz a concentração econômica do país: 7 em cada 10 aprendizes estão no Sudeste e no Sul. Levar a política para o Norte e o Nordeste, onde a juventude é maior e mais vulnerável, é o desafio de equidade regional.

O ranking das unidades da federação

Aprendizes contratados por UF — março 2026 (mil)



CONCLUSÃO

São Paulo concentra 196 mil aprendizes — quase 3 vezes o segundo colocado (RJ, 65 mil). Os seis maiores estados (SP, RJ, MG, RS, PR, SC) somam mais de 65% de toda a aprendizagem do país.

Remuneração por raça/etnia

Remuneração média mensal dos aprendizes (R\$) — homens



Gap racial visível

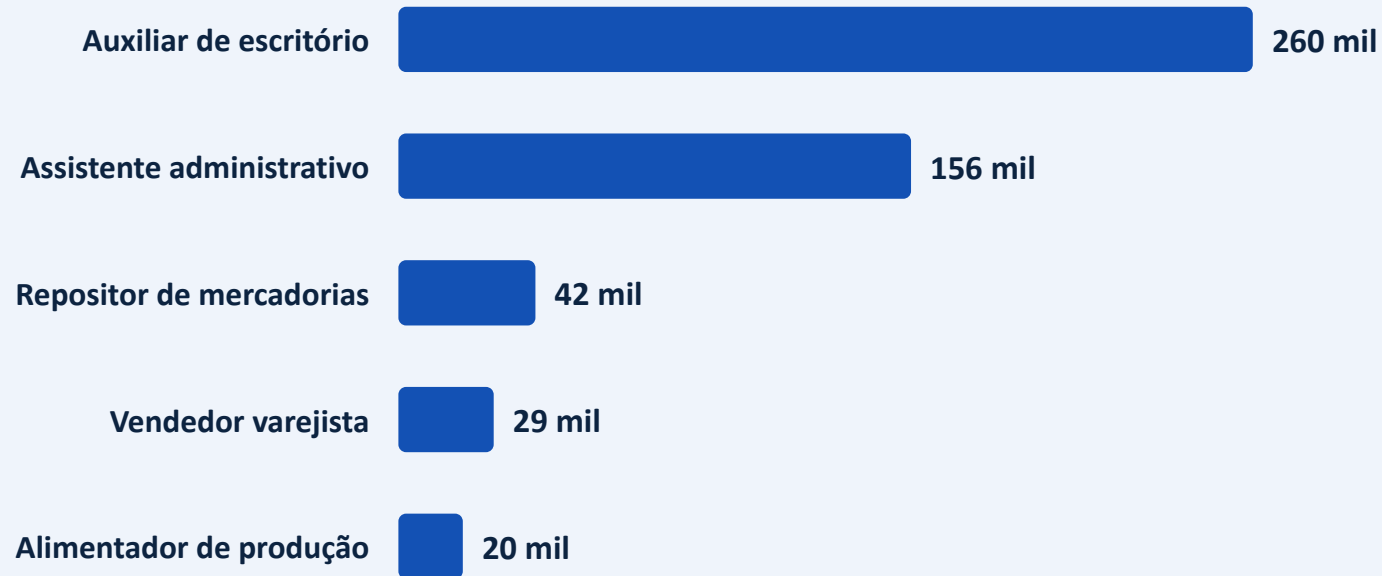
Meninos brancos recebem **8,4% mais** que pardos; meninas brancas, 7,9% mais que pardas. Negros, pardos e indígenas ficam abaixo da média de R\$ 947.

CONCLUSÃO

Mesmo num programa formal e regulado como a aprendizagem, a desigualdade racial aparece na remuneração. Equidade não é consequência automática da formalização — precisa ser política deliberada.

Concentração em funções administrativas

Principais ocupações de aprendizes (nº de aprendizes)



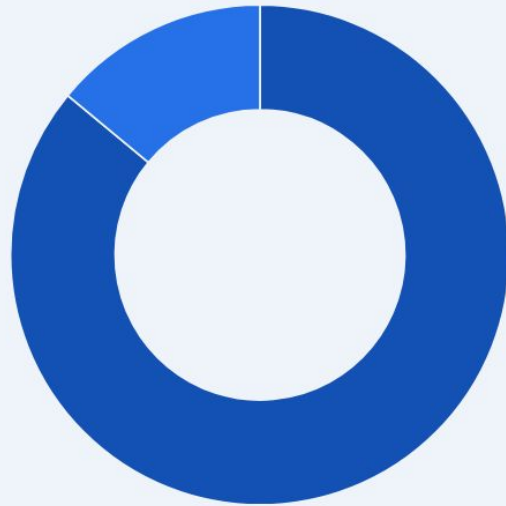
96%

dos aprendizes (638 mil) atuam em funções generalistas. Apenas 23,5 mil em ocupações técnicas.

CONCLUSÃO

A aprendizagem cumpre o papel de primeira experiência, mas ainda muito concentrada em escritório e vendas. Levar mais aprendizes para funções técnicas e tecnológicas é a fronteira a avançar.

Estagiários: 1,77 milhão de pessoas



■ Não obrigatório ■ Obrigatório



Composição

1,52 milhão são estágios não obrigatórios (86%); 247 mil obrigatórios (14%), parte da formação escolar.

Remuneração: R\$ 1.075 (não obrig.) e R\$ 1.025 (oblig.).

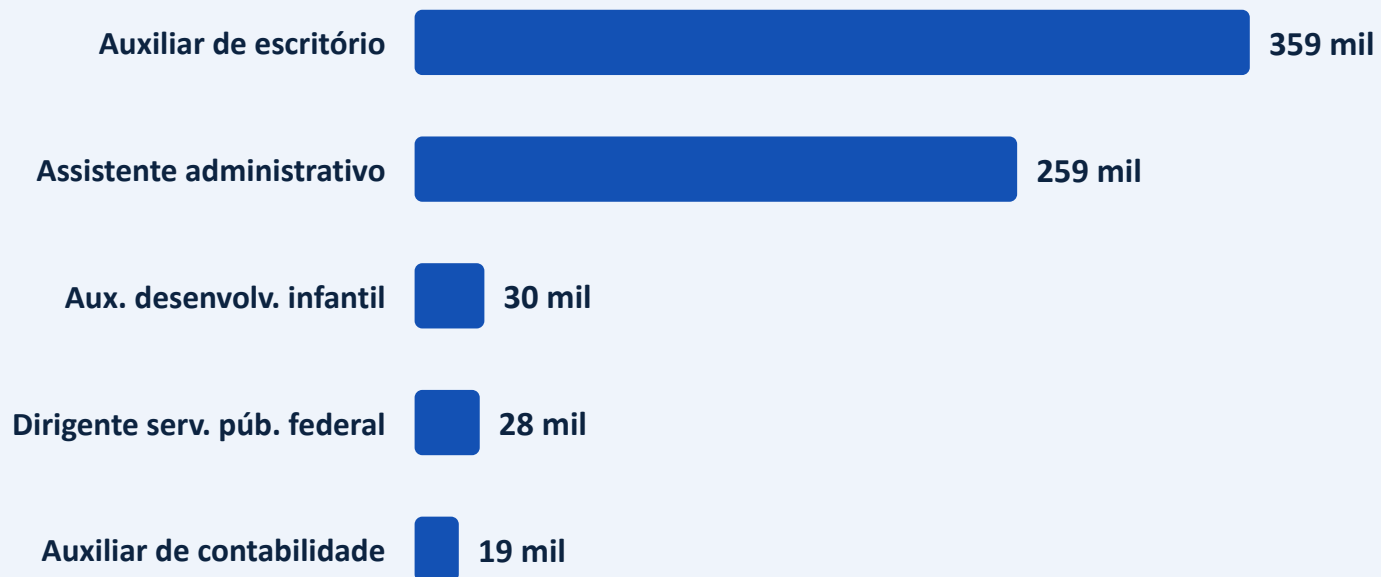
Obrigatório é mais comum na enfermagem: técnicos (55%) e enfermeiros (36%).

CONCLUSÃO

O estágio movimenta quase 1,8 milhão de jovens, mas para 35% (628 mil) a ocupação não foi informada — fragilidade da base eSocial que precisa ser corrigida para boa formulação de política.

Ocupações declaradas no estágio

Principais ocupações declaradas (nº de estagiários)



70%

dos estágios declarados estão no setor público. As 25 maiores ocupações somam 50% do total.

CONCLUSÃO

Assim como aprendizes e jovens em geral, os estagiários se concentram em funções administrativas. A enfermagem se destaca por concentrar os estágios obrigatórios ligados à formação.

O que os números dizem, sem rodeio



A entrada melhorou

Desemprego pela metade do pico, informalidade em queda, ocupação acima do pré-pandemia.



A permanência não

52% dos adolescentes permanecem menos de um ano.



Salário é baixo

Maioria em funções generalistas, até 1,5 salários mínimos. Sem qualificação, não há mobilidade.



Desigualdade persiste

Recortes de região, raça e gênero seguem visíveis — até na aprendizagem e no estágio.

Os desafios que permanecem



Elevar a escolaridade

Pé-de-Meia, EJA profissionalizante e cursos on-line contra a evasão.



Conectar trabalho e formação

Aprendizagem e estágio como ponte para o mercado qualificado.



Mais ocupações técnicas

Ampliar a parcela de jovens em funções de maior densidade tecnológica.



Foco em quem está fora

EAD e capacitação para os nem-nem — em especial meninos e jovens mães.



Enfrentar a desigualdade

Considerar sempre recortes de região, sexo, raça e etnia.



Letramento digital e IA

Ampliar acesso à inteligência artificial sem comprometer dados pessoais.

EM UMA FRASE

O jovem brasileiro entra no mercado mais cedo e mais formal do que antes — o desafio agora é fazê-lo ficar, crescer e ganhar mais.

Fontes: IBGE/PNAD Contínua · MTE/SEET · RAIS · eSocial | Referência: 1º trimestre de 2026

Releitura visual da apresentação do Ministério do Trabalho e Emprego (SEET).